

Técnica bancária ganha terreno sobre entendimento tradicional

NILTON HORITA

SÃO PAULO — O Fundo Monetário Internacional (FMI) e os bancos credores não ditam mais as regras para o comportamento dos países endividados. A opinião é do professor de Finanças Internacionais do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), Genésio Carvalho Filho, também Diretor da Distribuidora Sanvest, e do professor de Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e da Universidade de São Paulo (USP), Yuichi Tsukamoto.

Para os professores, a prática financeira profissional típica dos bancos de investimento, a cada ano, tem substituído no processo de negociação da dívida o que Carvalho Filho chama de "ciclo semi-político que envolve os bancos comerciais e instituições multilaterais".

Segundo os professores, a tendência da comunidade financeira internacional, no momento, seria a de aplicar uma sequência de medidas próprias das tecnologias financeiras dos bancos de investimento no processo de negociação entre devedores e credores. Isso implica negociação dos valores das dívidas externas dos países endividados em um mercado secundário, inclusive com a substituição de parte das dívidas desses países por títulos com deságio.

Esquemas de conversão da dívida também deverão ser implantados, em consequência. Além disso, o Banco Mundial entrará, segundo os professores, operando como uma câmara de compensação e seguro para garantir eventuais capitalizações de juros por parte dos devedores.

Nesse sentido, o mercado secundário de papéis da dívida, entre Nova York e Londres, deverá se fortalecer, aumentando seu patrimônio, estimado atualmente em US\$ 8 bilhões (cerca de CZ\$ 400 bilhões), segundo o Presidente do Citicorp, John Reed. Para o banqueiro, esse patrimônio

aumentaria para US\$ 13 bilhões (CZ\$ 650 bilhões, aproximadamente) no primeiro ano de estímulo à troca e compra de títulos da dívida.

Segundo Carvalho Filho, os principais agentes do mercado secundário são os bancos internacionais, as multinacionais, os bancos e empresas do Terceiro Mundo, investidores, especuladores e intermediários. Para todos esses agentes é extremamente vantajosa a troca da dívida por títulos com deságio. A partir do começo dessa troca, afirma Carvalho Filho, o mercado secundário poderá ser inundado por oferta excessiva de papéis, diminuindo os deságios dos títulos, que são grandes, no momento, devido à crise da dívida.

Poderão, então, surgir esquemas inovadores de negociação, incluindo, por exemplo, a troca de papéis da dívida por preços futuros de commodities e taxas de juros menores. Da mesma forma, analisa Tsukamoto, a dívida brasileira poderá encontrar um ponto de convergência nas negociações com o Japão, principalmente, caso haja o que o professor considera um projeto sério de conversão da dívida.

Tsukamoto entende que o Japão aceitaria fechar um acordo com o Brasil nos seguintes termos: criação de um fundo perdido no Banco Mundial com recursos do Fundo Nakasone, criado pelo Governo japonês para investir cerca de US\$ 30 bilhões (CZ\$ 1,5 trilhão) em países endividados do Terceiro Mundo.

Toda essa operação, explica o professor, seria avalizada pelo Departamento de Gerenciamento da Dívida do Banco Mundial. Assim que se completasse esse processo inicial, o Brasil deveria propor o incentivo da conversão da dívida em investimentos, continua Tsukamoto. O projeto de conversão, segundo ele, deve prever o lançamento de ações resgatáveis das empresas por bancos comerciais privados, com prioridade para as empresas de porte médio.